



Oficina de conservação de filmes “Película Viva”

Laboratórios como espaços para imaginar o futuro – experiências em ecologia e fotoquímica – Palestra sobre eco consciência e o papel social dos arquivos (AULA 1: 23/09 – terça-feira)

Palestrante: Samanta Ortega

Como revelar filmes pode se tornar um exercício prático de compreensão da nossa capacidade de influir sobre o rumo da história? Ao entender a película foto cinematográfica como um instrumento vivo, ganhamos acesso a uma nova camada de percepção sobre o poder das imagens. A materialidade do filme costuma ser justamente o que cativa e convida pessoas a interagir com ele; tornando-se uma representação de memória que podemos tocar, um processo que podemos aprender, nos autonomizar e criar com as próprias mãos.

A história da fotografia e do cinema e, por consequência, os materiais de arquivo que possuímos enquanto vestígio e patrimônio, é intimamente entrelaçada com o desenvolvimento da modernidade e pós-modernidade, portanto, indissociável de suas tribulações. O filme é um produto feito para tirar fotos, para fazer cinema, para ser receptáculo de histórias e narrativas. Sua composição tem procedência, sua fabricação é industrial, sua utilização é segregada a quem tem acesso, sua revelação é nociva e seu descarte, na maioria das vezes, não realizado. Intervenção de fungos micorrízicos em filme 35mm (2025) Samanta Ortega.

De que maneiras podemos questionar nosso engajamento com o material fílmico sem nos intimidarmos diante dos efeitos da prática fotográfica individual no comportamento coletivo e vice-versa? Existem outras vias técnicas e conhecimentos aplicáveis para praticar o laboratório? E se as imagens fílmicas fossem pensadas através de cosmovisões diversas? Como a atual crise de imaginação também é uma responsabilidade dos arquivos e instituições de conservação e memória? Quais filmes valem a pena ser preservados? Quais imagens podem e devem morrer? Por quê?

Nesta palestra, a educadora, laboratorista e artista fílmica Samanta Ortega compartilhará experiências práticas, teóricas e de vivências pessoais desenvolvidas a partir de seu trabalho e pesquisa com revelação caseira à base de plantas, problemas e desafios contemporâneos na conciliação das dinâmicas de produção de imagens analógicas com a realidade de um mundo predominantemente digital, e como a



pedagogia fotográfica que centraliza a película pode ser uma poderosa ferramenta para praticar a imaginação radical de futuros.

Assuntos principais

- O que é a película e porque ela importa
- Apresentação da revelação botânica
- Metodologias do experimental – autonomia e coletividade
- Arquivos vivos, pessoas mortas
- A quem interessa a preservação?
- Responsabilidade fractal no fazer das imagens
- Cosmovisões fotográficas
- Experiências na pedagogia fílmica
- Exercício coletivo de imaginação

Bibliografia

BROWN, Adrienne Maree. *Emergent Strategy: shaping change, changing worlds*. AK Press, 2017.

DEREN, Maya. *An Anagram of Ideas on Art Form and Film*. Califórnia: Alicat Book Shop Press, 1946.

ELSAESSER, Thomas. *Cinema como arqueologia das mídias*. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, Beatriz; DUBOIS, Philippe (org.). *Pós-fotografia, pós-cinema: novas configurações das imagens*. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*. 1994.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Narrativas que se encontram - Projeto de Elidayana Alexandrino Nós No Arquivo - Experiências de Mediação | Material do educativo AHM-SP.